

O presente trabalho teve início em outubro do ano de 2010, sob orientação do professor Charles Feitosa, autor do ensaio-manifesto chamado Filosofia Pop, uma investigação sobre o “entre” arte e filosofia, como uma dança, sem a perda da densidade inerente ao pensamento e discussão.

A apresentação deste trabalho será dividida de três maneiras. A primeira, uma breve introdução às concepções que o autor Georges Didi-Huberman se utiliza quando se remete à História da arte e Estética. Através disso apresento uma defesa do projeto com base no artigo manifesto por uma filosofia pop do Charles Feitosa e o conceito de não historicidade que o Nietzsche descreve nas considerações inatuais. A segunda parte consiste de uma breve apresentação do livro “Ouvrir Vênus”, onde se estuda o nu enquanto gênero de arte e em contraponto a investigação sobre qual seria sua essência no contexto do cotidiano. Por último apresento uma performance para ilustrar em termos contemporâneos o questionamento acerca do nu.

Para a visualização filosófica deste trabalho apresentarei pontos de contemplação, como assim o autor chama, cujo primeiro ponto de contemplação é o histórico clássico, pertencente à iconologia clássica. O segundo ponto de contemplação é a abertura desse processo e, conseqüentemente, forma uma dialética. O terceiro possui formato não histórico, ‘é carregado tensão e propõe na sua investigação uma ontologia da nudez. Para tanto, Didi-Huberman cita Nietzsche em seu livro “Considerações inatuais”, do qual afirma: “Parte da História mata o homem e sem este envolvimento da Não-historicidade, jamais teria começado nem ousado começar a existência [être]”. Portanto, peço aos ouvintes que se dispam (tire suas vestimentas conceituais) das referências, historicidades, pré-conceitos e pré-julgamentos para um melhor entendimento da apresentação.

Ao pensar a nudez, pensa-se: o estado de ser/estar nu é o desvelamento do nosso corpo? Entendendo o corpo tendo sua extensão em virtualidades. A cada espécie de roupa que usamos carrega um sentido para nós? Nós escondemos nossa nudez em roupas para evitar que o desejo seja desvelado, provocando a selvageria? A estética do nu desbrava a sua essência? Qual é a essência do nu, seja na arte ou na vida? Tendo como tema a análise do nu na Vênus de Botticelli no livro “Ouvrir Vênus” sem tradução do autor Georges Didi-Huberman, o qual ele identifica vários pontos de contemplação sobre o nu e neste trabalho eu estudo duas delas: o nu como gênero de arte ideal, metafísico por excelência, o qual busca em sua essência descobrir o que é beleza e o que é o mais belo dos belos, através do nu. A outra perspectiva é o nu que admite a nudez com erotismo, profundidade de matéria e que não se propõe a se distanciar da carne, nem se isolar em idéias e conceitos. Os pontos de vista revelam que o nu segregado a distância envolve uma moralidade e culpa ao desejo intrínsecas. Onde o objetivo é passar adiante e chegar a investigação do autor Georges Bataille, no seu livro O Erotismo, o qual se utiliza do estar nu como movimento de encontro com sua própria essência. **TEXTO DE APOIO:** [Superando esta dualidade entre o puro e o vão, chegamos ao questionamento de uma ontologia da nudez? É o acontecimento que gera o encontro entre nossa matéria objetiva e o virtual subjetivo?

Para tanto, vamos começar com Panofsky, no seu livro “Ensaio de iconologia”, as imagens feitas por Botticelli representam a teoria neo platônica do amor, mais especificamente, do amor divino, feita pelo filósofo neo platônico chamado Ficino. Na mitologia grega existe a Vênus celeste filha de Uranus, ela parte de uma esfera totalmente imaterial, simboliza o esplendor primeiro e universal divino, como também sua bondade e beleza. A Vênus celeste fica entre a inteligência humana e Deus. A outra Vênus é a Vênus Vulgaris, filha de Zeus, que nasce do esperma na espuma do mar, representa a beleza divina encarnada no mundo físico. É a deusa do amor. Segundo

Ficino, do qual teve bastante influencia na renascença, o amor era dividido em três: o amor divino, que corresponde ao intelecto, o amor humano, que corresponde a todas as outras faculdades da alma e, por fim, o amor bestial corresponde a loucura. Por se tratar da representação de um Deus, visto que o divino é ligado ao ideal de beleza, o nu fica estacionado no desenho, ignorando o aspecto carnal, como também negando que exista desejo. Segundo Clark, o nu tem um fim em si mesmo, que é proteger na arte a beleza do que se chama vulgaridade do corpo. Já que a imagem divina é a representação do que se considera perfeito e, portanto, inacessível ao homem, a imagem não pode estar ligada ao que justamente torna o homem submisso: sua finitude, sua animalidade desconhecida e o pecado original como comprovação desta separação. Adão e Eva quando cometem o pecado, o primeiro castigo é se verem nus.

O modelo filosófico da nudez, portanto, segundo a posição proposta por alguns autores (como, por exemplo, Kenneth Clark e Panosky) da iconologia clássica, é que a nudez faz parte de uma imanência e busca por um ideal divino de amor. A nudez dessexualizada, uma representação teórica e metafórica.

Didi-Huberman faz uma crítica a iconologia, afirmando que é uma interpretação de “isolamento” e que não cumpre com a regra que é colocar as tensões dialéticas. A intenção do autor Georges Didi-Huberman é mostrar uma dialética, propondo em contraposição a perspectiva iconográfica, mostrando outro ponto de vista, iniciado pelo autor Aby Warburg e defendido pelo autor Georges Bataille. A partir do momento que há o isolamento da nudez, se percebe que tal isolamento é feito para evitar o “*désir de toucher*”, parte da tensão que atinge o espectador. Portanto um dos aspectos do isolamento da nudez é para evitar a tensão do tocar e do desejar. Uma elaboração secundária, conseqüente deste primeiro aspecto é que se cria uma instrumentalização moral tornando o corpo (e o nu) símbolo de horror, temor e crueldade. A proposta é que se descarte esse temor e encare a nudez, como uma abertura da Vênus, mostrando também que o Botticelli na sua obra é carregado de crueldade e um duplo sentido, mostrando que há uma falsa pureza:

“Impossível, agora, de olhar um nu Botticelliano como uma simples ‘forma ideal’ de arte: impossível de isolar, como se diz, de ignorar a ansiedade mortal que traz em si toda a nudez da carne.” [2]

A Deusa Vênus, em si, no seu nascimento, há o paradigma em duas faces: a pureza e a crueldade, a graça e a nudez, o interior e o exterior do corpo. Ela nasceu do esperma e também nasceu nua. De certa maneira, representando a virgindade e o sentido corpóreo do homem. Investigamos então que aspectos mostram a nudez, o embaraço e o sentido impuro colocado na carne.

Esse temor é descartado e quando se é descartado provoca-se uma abertura quando a nudez se mostra sem as vestimentas de idéias, filosóficas e técnicas. A tese de Huberman é que tal abertura da nudez cria um processo. Processo este de movimento da nudez ao erotismo, como também da nudez ao pudor e ao horror. Sobre isso ele escreve:

“Abrir como se abre um campo, como se abre uma infinidade de possibilidades; abrir também como se fere um corpo, como o sacrifício a integridade do organismo. (...) A nudez teria seu próprio horizonte processual na abertura de um mundo maior e naquele mundo ferido”. [3]

A nudez tal como um processo de abertura do nosso mundo, visto que um dos símbolos da diferença entre homens e animais é a vestimenta. E, logo, que nos desnudamos, desvelamos também nossa animalidade no ato sexual. Sobre isso, Georges Bataille no seu livro intitulado “*O erotismo*” estuda as origens, os fatores psíquicos e filosóficos do comportamento em relação a nudez e ao erotismo. Relaciona, inclusive,

os sacrifícios aos deuses no mundo antigo como uma relação morte-nudez, pois todos os sacrificados ficavam nus.

Bataille afirma que, a consciência da reprodução sexual e da morte, foram os fatores determinantes para a criação das interdições, a partir delas a sociedade historicamente é construída através de determinadas moralidades e condutas. Sobre isso, ele revela que o nu transgrediu as moralidades, por ser justamente no ato de estar nu o momento erótico, onde o homem se encontra com o animal consciente de si e da sua finitude. A interdição não deixa de existir, ela coexiste junto com a transgressão.

Há na nudez um sentido próprio do *obsceno*, onde a nudez e o obsceno revelam um envolvimento que aparece no erotismo. Porém, como, Bataille afirma: “*A nudez não é sempre obscena e ainda pode aparecer sem lembrar-se da inconveniência do ato sexual*”. [4] O questionamento que Bataille, no seu livro, propõe é a investigação do erotismo como movimento do homem em direção a uma ontologia da nudez, uma percepção sensorial que vai além do puro pensamento racional. Ele relaciona a violência, por crer, que é nela que se perde a racionalidade.

Para Bataille, o ato de estar nu é uma presença que traz o SER a um sem fronteira de sensações. Como no francês o verbo être pode significar tanto ser, estar e existir. Podemos concluir que o autor propõe que quando estamos nu estamos nos localizando dentro de uma situação determinada, prontos a sentir o nosso próprio corpo, nos abrir a ele. A partir do momento que não se teme as conseqüências da nudez enquanto parte de um desejo, pertencente ao erotismo, cria-se então a ontologia da nudez, onde se provoca um processo que Bataille chama de abertura, donde se busca saber qual é a essência da nudez. Donde tiramos a conclusão de que o objeto de arte não pode ser e nem é uma representação de um período determinado e que, pelo contrário, há um dinamismo carregado de tensão, sentido como também plasticidade do que um simples resumo histórico

Um exemplo pictórico que podemos dar como referência é a pintura do autor Gustave Courbet, *A Origem do Mundo*, onde o pintor retrata praticamente de “frente” uma vulva e o título coloca uma questão: é de onde viemos?

Para finalizar, faço uma performance como uma ação que nos leve para uma visualização *in loco*, donde proponho uma reflexão sobre o corpo, o nu e um questionamento sobre essa provocação chamada nudez. A performance é uma homenagem aos artistas Márcia X e Antônio Manuel, precursores no Brasil, sendo Antônio Manuel o primeiro a ter feito uma performance em 1970 no MAM, onde ele colocou o próprio corpo como obra, sendo negado e daí na vernisage ele aparece nu, marcando um feito que na época chocou e foi símbolo da luta contra ditadura. Márcia X trabalha com elementos infantis como leite condensado e confeites, um dos trabalhos seus mais famosos se chama *Pancake*. Pretendo fazer uma performance que seja uma “marca”, um símbolo em homenagem a performance feita no Brasil.

Descrição: visa mostrar uma espécie de “amarra” que nós temos com o corpo, provocando e toda e qualquer percepção ou sentido.

1. Amarra-se a fita começando nos pulsos de forma que vá até a boca, sendo circular, passando pelos peitos.
2. Amarra-se então dos pés a barriga.
3. Passa-se o batom nos “carimbos” feitos na fita, de forma que quando tira a fita, se perceba todas as “carimbadas”. Sempre mantendo uma linearidade.